

¿ Não seria conveniente que o governo dissesse se sim ou não as tropas que estão cercando Lisboa vieram ao seu chamado ou se — muito pelo contrário — estão chegando por sua própria vontade e com intuítos reservados?

# Nada temos a recear Rebeldias AINDA A SEMANA DE "A BATALHA"

Os «nosso» jornais da burguesia são um modelo de modéstia, de imparcialidade e de coerência. Em tudo revelam essas qualidades, não haja dúvida. Mas quando revelam mais o melhor é quando tratam das questões sociais e operárias. Nestas, a esportezza sobreleva as restantes, já enuncia-

Com franqueza, se todos os assuntos, ainda os mais transcendentes, assim são tratados, podem descançar os seus leitores que são sempre bem esclarecidos... e os jornalistas podem limpar as mãos de parede.

Mas que confusão de termos, de organismos e de funções, quando tratam dos organismos sindicais, dos seus movimentos de reclamação, de solidariedade ou de protesto!

Muitas vezes nem sabemos se nos havemos do indignar, se de rir, ou se ler com filosófica indiferença muitos dos anácticos desperates com que certa imprensa nos mimoseia.

Quem se desse ao paciente trabalho de procurar em cada jornal que se publica, as asneiras vertidas sobre aquelas questões, faria grossos volumes que provocariam farta hilaridade. Quanto a nós, nem já nos damos muitas vezes ao trabalho de desmentir todas as asneiras a tal respeito vertidas; caso contrário, quasi nem faríamos outra coisa.

A propósito do movimento do pessoal da Carris e da revolução social pelos jornais anunciada, num mal disfarçado intuito de justificar o cerco de tropas a Lisboa — esse cerco cujas despesas o povo não pagando e há de pagar com língua de palmo e meio — quanto de mentiroso não se tem bolsado?

A mentira tem sido desvergonhadamente utilizada como arma de combate contra a classe operária, numa ancia de esmagamento e de destruição do seu valor moral, como poucas vezes se tem observado.

Ignoram esses plumitivos que assim se vão descobrindo, facil-

tando ao povo, que em certo momento os acredita, os meios de os apreciar pelo seu justo valor, como mentirosos e hipócritas deslavados, sem vergonha.

Outro dia era o jornal mais rasteiro que aí se publica à tarde que, depois de muitas outras barbaridades — que, especialmente, certos banqueiros muito bem conhecem, porque sabem quanto ouvem, porque sabem quanto custam em milhares de escudos — dizia que Manuel Joaquim de Sousa e os arsenistas foram quem se opôs a que a greve revolucionária se produzisse, (não citamos o jornal, porque seria esse o seu único desejo, que não estamos na disposição de satisfazer). No domingo era o *Seculo* que dizia:

«Apesar da rigorosa reserva em que se envolvem as resoluções tomadas pelo União dos Sindicatos Operários parece que o projectado greve geral ficou sem efeito, devendo-se este facto à intervenção calma e ponderada da C. G. T. e de outros elementos, que não acharam o momento oportuno de lançar o protesto num movimento, que viria acarretar graves consequências, não só à organização operária, mas também à própria nacionalidade».

Por sua vez a *Última* do mesmo dia, occupando-se do caso, dizia que no seio da organização operária se marcava uma diferença de atitudes entre a C. G. T. e a U. S. O.

Vem lá a *Capital* de ontem em editorial, na qual visa preferentemente a C. G. T. e a *Batalha*, clamando e pespegando com esta: «não se compreende que tendo o governo informações seguras sobre a atitude hostil da Confederação Geral do Trabalho e o que se passou no Porto — esse cerco cujas despesas o povo não pagando e há de pagar com língua de palmo e meio — quando de mentiroso não se tem bolsado?

Vão lá entendê-los!... Uns dizem haver diferença de atitudes entre a C. G. T. e a U. S. O., outro, que foram determinados

milittantes que obstaram ao movimento; outro que aquele não se produziu, devido à intervenção calma e ponderada da C. G. T., e vem ainda o quarto e contraditório afirma que o governo sabe ser a C. G. T. hostil, devendo-se encerrar as sedes dos sindicatos operários.

E neste último que se descobre a manobra das «forças do olho vivo», da Patronal, de toda a facandolagem parasitária que sustenta o latrocinio que pesa sobre os que trabalham.

Ora a verdade é esta, quer os senhores queiram, quer não: Manuel Joaquim de Sousa e os arsenistas não fazem parte da U. S. O. e portanto em nada podiam influir nas suas decisões; a C. G. T. não se occupou de qualquer movimento, porque nem sequer reuniu para esse efeito; o movimento de solidariedade para com o pessoal da Carris é privativo da U. S. O., porque é local e só os organismos da localidade é que podem resolver a sua própria acção sobre seja que assunto for, podendo a C. G. T. emitir a sua opinião, se para tal é consultada pelos organismos actuantes interessados, caso que não se verificou, não se tendo por isso pronunciado nem pro, nem contra.

Assim é que está certo. A C. G. T. não ergueu responsabilidades, quando as tem, como também não confessa medos, a despeito das ameaças.

Os senhores podem aconselhar o seu encerramento, a supressão da *A Batalha*, podem mesmo aconselhar a deportação e até o fuzilamento dos militantes operários; podem fazer tudo, tudo podem aconselhar e insinuar. Mas fiquem sabendo duma vez para sempre: as graves produzem-se, ou não, conforme as conveniências da classe operária e independentemente dos desejos dos governos, ou dos seus turbulários e apuniguados.

A C. G. T. e os restantes organismos sindicais existirão sempre, com uns ou com outros militantes, estejam abertas ou encerradas as suas sedes.

Não tenham ilusões!

A Carris é uma companhia que se tem caracterizado exclusivamente pela sua inimidade à população. Essa inimidade tem-se exteriorizado pelos aumentos de tarifas e pela diminuição constante de carros em circulação. Ser transportado em electrico representa uma necessidade que a companhia transformou num sacrifício pecuniário, muito para considerar. Sem esquecer, que apesar do fraccionamento dos car eiras em zonas, fraccionamento que reduzia a penúria o passageiro, no fim da carreira, no terminus da viagem, Recordando ainda que maior comodidade existe no transporte de suínos em caminho de ferro, que no de passageiros nos carros.

Uma companhia que assim procedeu sempre, uma companhia que transporta 30 % dos passageiros que necessitam ser transportados, conquistou por unanimidade a antipatia da população. Essa antipatia, por maneio de gente ruim, foi largamente repartida pelo pessoal da Carris, tantas vezes acusado de relar servorosa a interesses da Companhia.

A penúltima greve realizada trouxe ao pessoal da Carris a inimizade da companhia, que devido à forma como se solucionou a greve, não pôde aumentar as receitas à custa da população. Essa irritação, da companhia pelo pessoal, explica a suficientemente a actual greve. Foi a companhia a que pretendia brincar a dignidade do pessoal quem declarou a guerra a quem proclamou a greve. Pois bem, essa gente ruim que constitui uma fusão de parvos com velhacos, pôs-se decididamente ao lado da companhia contra o pessoal. E ela quem acusa o pessoal de sacrificar 300 ou 600 mil pessoas aos seus interesses, é ela quem faz o jogo da Carris. Nunca a culpa significou a verdade, nunca essa gente ruim se mostrou tão capaz de fazer aquilo de que elle accusou o pessoal.

Nenhum desses curiosos imbecis, protesta contra a inutilização dos carros, que amanhã não poderão funcionar, a inutilização feita por indivíduos, que pertencem a uma profissão inimiga do trabalho útil, profissão que serve para servir de degrau a condanças ambiciosas politicas e a supérflua defesa dos interesses dos capitalistas inimigos do interesse colectivo. A população sacrificada pelo pessoal da Carris, não passa duma catina manejada pelos defensores de todas as explorações de todos os assambramentos. Não vem esses burros que a companhia para esmagar o pessoal não hesita em sacrificar a população. Esses burros assim não dizem, porque as solicitações dos seus estômagos obedecem...

Cristiano LIMA

TRABALHADORES, LEDE  
A NOVELA VERMELHA

E' tam grande o entusiasmo do operariado pelo seu órgão na imprensa que, decorridos tantos dias após o seu aniversário, ainda recebemos inúmeras saudações

Teve tam grande repercussão a iniciativa da *Semana de A Batalha* que ainda hoje, decorridos tantos e tantos dias, o proletariado continúa, de todos os pontos do país, a saudar *A Batalha* pelo seu terceiro aniversário, a prestar-lhe toda a sua solidariedade moral e material, contribuindo com donativos para a sua manutenção.

E grato verificar-se este carinho extraordinário

Saudações do proletariado

**Manipuladores de pão do Porto**  
Reuniram-se a assembleia geral da Associação dos Manipuladores de Pão do Porto apreciando a campanha torpe da imprensa burguesa contra *A Batalha* e a organização operária. A classe tirou uma quele que rendeu 20\$35.

**Rurais de Aldeia Nova de S. Bento**  
Reuniram-se a assembleia magna dos trabalhadores rurais de Aldeia Nova de S. Bento que resolveram dar o seu apoio moral e material a *A Batalha*, que tem denodadamente lutado pela causa dos oprimidos.

**Construção Civil de Cascais**  
Na última reunião da Associação da Construção Civil de Cascais foi lançada na acta uma saudação entusiástica a *A Batalha* pelo seu aniversário.

Como passé no próximo dia 12 o aniversário deste sindicato resolveu fazer uma sessão de propaganda educativa.

**Operariado de Coimbra**  
COIMBRA, 4. — C. — Pela organização sindical foi resolvido «abrir uma série de queques nas oficinas e obras afim de auxiliar a publicação do nosso órgão. E assim, as Artes Gráficas já deram o início, sendo aberta uma quele nas oficinas da Gráfica Limitada, que tem de umas regulars reuniões.

Que todos saibam comprometer-se dos seus deveres, concorrendo, consoante as suas forças, para que *A Batalha* possa continuar a sua obra emancipadora.

**Condutores de carroças**  
Na sua última reunião foi resolvido saudar *A Batalha*, pelo seu terceiro aniversário.

**Marítimos do Foz do Douro**  
A Associação dos Marítimos do Foz do Douro enviou as suas saudações e a quantia de cinco escudos para *Munições*.

que dá alento e vida ao jornal dos trabalhadores, dos explorados, dos oprimidos.

E tam grande o desejo do proletariado de ver *A Batalha* forte e audaz, apta a agitar as grandes questões que interessam a colectividade, que cremos que este jornal jamais perecerá, por maiores que sejam as perseguições que a burguesia lhe mova.

Várias agremiações

**Grupo Ferroviário «Solidariedade Humana»**  
O Grupo Ferroviário «Solidariedade Humana» saudou efusivamente *A Batalha* pela passagem do seu 3.º aniversário.

**Centro dos Filhos do Visco**  
PORTO, 5. — T. — O Centro dos Filhos do Visco do Porto, na sua sessão solene, felicitou *A Batalha* pelo seu aniversário.

**Saudações individuais**  
Os camaradas José Brauco e Eduardo J. Rodrigues saudaram *A Batalha* e enviaram, respectivamente, 2\$50 e 2\$90.

Também nos enviaram as suas saudações e a quantia de 2\$00 os camaradas Francisco Parreira Tristão e Francisco Ledo.

Escreve-nos o camarada Joaquim Monteiro Sáavedra, de Ermeizide, saudando-nos e enviando-nos para *Munições* a quantia de 3\$00, sendo 2\$50 do bolso e \$50 do camarada Arnaldo Ribeiro.

**A imprensa operária**

«O Sul e Sueste» tem palavras carinhosas para com «A Batalha»

Transcrevemos do nosso colega O Sul e Sueste, as palavras que seguem:

«No dia 23 do corrente passou o terceiro aniversário do órgão operário *A Batalha*, que na imprensa diária marcou um lugar de honra, sustentando a defesa duma causa justa e humana. O terceiro aniversário de *A Batalha* marca mais uma etapa no movimento operário português, porque a sua vida tem sido cheia de dificuldades de toda a ordem, tendo até que lutar com a criminosa indiferença duma parte da classe operária, que só conhece a sua existência, quando se acha em luta e de la-

**U. S. O.**

Reúnem hoje, pelas 20,30, as direcções de todos os sindicatos locais, bem como o conselho de delegados, afim de apreciarem o assunto pendente da última reunião de direcções.

# O sentimento do povo não admite a pena de morte

Cresce a onda formidável dos protestos contra o bárbaro projecto da pena de morte

Pensa-se, ao que consta, na restauração da pena de morte em Portugal. Esta notícia invadiu os cérebros bem humanamente pensantes, as consciências heróicamente libertárias, à semelhança da rajada cortante de inverno que abria de improviso as janelas dum salão confortável, viesse arrefecer a sua atmosfera tida, respirada com delicia por quem nele estivesse, gelando-lhe o corpo.

Tudo o indivíduo naturalmente inclinado ao direito máximo de viver, já não deve consentir que perturbem esse direito a ponto de escravizadamente o ter de abandonar!

O burguez farta-se de gritar que matar é um crime, o burguez brada que, Criso Deus ou Santo estabeleceu que o homem não mataria o semelhante em caso algum. Pois bem. Nós queremos gritar que o assassino está fora das normas da verdadeira justiça; mas bradaremos mais alto ainda até o enroscamento da nossa voz a lembrarmos, o detentores do poder, que se matar é um crime, esse crime não pode ser tolerado como queris, legalizando-o.

O homicídio nunca foi admitido. Surte excepionalmente pelo juizo das turmas, excelsamente como consequência lógica das instituições que, para restabelecimento do vosso egoismo felino insistis em defender. Quando ele aparece as consequências insurtem-se. E vós queis admitir, sancioná-lo, impô-lo. Que ferocidade haverá superior a esta?

Argumentaréis então: queremos a pena de morte como um exemplo salutar; os crimes diminuíram, assassinatos há menos. E exemplifiquis matando. Moral admirável! Sem contar que o vosso assassinato é mais covarde, porque é exercido livremente, a coberto da lei. Pena de Talião! Pena de Talião! berrareis; e não deveis ignorar que, na evolução do direito por vós consagrado, a pena de Talião atesta uma fase bem primitiva.

tado, baterá por certo as suas palmas de tigre...

Comecem a esbulhar-se furiosamente os olhos do patronato, ao presenciarem a marcha altiva do proletariado para a sua emancipação; fúscam em ira ao vê-lo desdobrar com firmeza o lugar que na vida compete a todo o indivíduo que trabalha. Que o burguez não quer situações de Igualdade, porque é ele pelo facto ocasional de viver melhor reputa-se superior... O preconceito embotou-lhe a sensibilidade, a consciência e a razão; quando isto não acontece a sua imensa covardia, impede-o de revoltar-se. Finalmente só ele tem o direito de viver. E atraz deste critério, ao verificar a agonia da sociedade, a sombra da qual se na livre expansão dos seus instintos, sofismando a lei basil da solidariedade, ele lança mão dos últimos recursos como o velho preceito recorre ao benefício da caridade. O que é o benefício deste excitante? Ilusão. Ilusão da sociedade burguesa será a pena de morte. As cabeças dos que lutam pelo ideal da vida justa, cairão. Mas as ideias que os habilitaram, que eles como o heróis carinhoso da mãe que protege e ama sempre o filho desprezado pelos outros, abraçaram. ficário. Porque como bem disse Bernstein pela boca do seu socialista da «Garras», as ideias são eternas.

A ideia da aplicação da pena de morte ao espírito dum absolutista, é coerência. Põem num dum republicano, ou monarquico constitucionalista é contradicção. O primeiro combateu o sistema politico do último, considerado liberal em relação ao absolutista, como retrogrado. O segundo sabe que no seu regime a pena de morte foi abolida, o que fez dizer a Vítor Hugo que Portugal abolição a pena de morte marchava na vanguarda do progresso. Agora que Vítor Hugo é um morto, podemos com a protecção da sua memória gloriosamente fecundante, dar-lhe na marcha do progresso o lugar de que o tornava digno a restauração da lei monstruosa.

A rectaguarda.

Mas ver-se-ão monarquicos absolutistas, constitucionalistas integralistas e republicanos defenderem-na ou calarem-se, isto é, consentirem-na.

Não será difícil então verificar o abraço dos sistemas autoritários, tal o de varios malletores, que exercendo o mal por processos diferentes e guerrendo-se na disputa da rapina, um dia

compreendessem que a sua alma era a mesma, e chegassem à noção de que deviam juntar-se no combate contra um inimigo comum — o obstáculo às suas patifarias.

Vigorando a lei da pena de morte, ela não será mais do que uma arma dos que estiverem no poder contra os que obedecerem voluntária ou coactamente, ferá, como todas as leis, o carácter arbitrário.

A História dá-nos bem patentes exemplos do que sustentamos. Já não é novo o saber-se que o homem, animal superior, sempre avaliado pelo seu pensamento, é criminoso desde que nêle, a frio, tivesse existido a ideia de praticar um crime. Portanto, o que defender a pena de morte, raciocinando, implicitamente afirmará a possibilidade de assassinar. Ao contrário, todo o que a atacar afirma a sua elevação moral, a sua repugnância pelo crime. Atacando a pena de morte, defenderá a vida do seu semelhante e a sua.

Amanhã um inocente, que era talvez uma força geradora de progresso, morrerá. Que se unam todos aqueles que possuem a organismo social, todos os que, sentindo vibrar em si a força superior da Liberdade, lutam pela expansão da contra a opressão, para, num clamor arrojado do que deve ser o indivíduo no dente de justiça, protestar contra o cutelo que ameaça a toda a hora permanecer suspenso sobre as suas cabeças, contra a possibilidade das espíngardas permanentemente apontadas contra os seus peitos, prontas a dispararem a primeira voz da ferocidade.

Gritemos bem alto pela voz da consciência humana:

Abaixo a pena de morte!

Edmundo SANTANA

(Redactante)

A repulsa dos organismos operários

**Construção Civil de Tires e Arredores**

Reuniu a assembleia geral da Associação de Tires e Arredores, sendo aprovada uma resolução contra a pena de morte, com as seguintes conclusões:

2.º Erguer desde já o enérgico protesto contra tamanha barbaridade.

3.º Dar todo o apoio a *A Batalha* pela campanha que iniciou contra o crime que se pretende praticar.

4.º Ser solidário com qualquer movimento que porventura se produza, como protesto contra a intenção criminosa desse politico.

**Construção Civil de Almada**  
O Sindicato Unico da Construção Civil de Almada protestou contra a pretendida lei da pena de morte.

**Litógrafos e Anexos**

Na última assembleia dos operários litógrafos e anexos, protestou-se energeticamente contra o projecto de restauração da pena de morte.

**Manipuladores de Pão**

Na assembleia geral da Associação dos Manipuladores de Pão, o camarada Torcato Alves Braga apresentou uma proposta protestando contra a pena de morte, que foi unanimemente aprovada.

**Condutores de carroças**

Na última assembleia da Associação dos Condutores de Carroças protestou-se energeticamente contra a pena de morte.

**Secção de Metalúrgicos da Juventude Sindicalista**

Foi apreciada a questão da pena de morte e resolvido protestar contra es a monstruosidade.

**O protesto da organização operária de Coimbra**

COIMBRA, 4. — C. — A organização coimbrã, acaba de levantar o seu grito de protesto contra a talatativa monstruosa que o conhecido politico Cunha Leal pretende estabelecer em Portugal. Assim, na última reunião de direc-

ções e delegados junto a U. S. O., foi resolvido protestar energeticamente, indolando o seu protesto até onde as forças da circunstância o exigir, para que a infamante pena de morte jamais seja um facto.

**Metalúrgicos do Porto**

PORTO, 5. — T. — Os operários metalúrgicos de ferro reunidos em assembleia magna protestam energeticamente contra o projecto da pena de morte.

**Metalúrgico de Gaia**

PORTO (S. Bento), 6. — T. — Os operários metalúrgicos de Gaia, reunidos em assembleia magna, protestam energeticamente contra o projecto da pena de morte. — Agitar.

**Um grupo de operários de Távira**

TAVIRA, 6. — T. — Um grupo de operários protesta contra a pena de morte.

**Algumas cartas de veemente protesto**

A pena de morte não seria certamente dos 50 milhões de «dollars»

Do nosso camarada Luis Carvalho recebemos a seguinte carta que nos apressamos a dar à estampa:

«Presados camaradas: — Tem *A Batalha* noticiado, há dias já, que um politico em evidência iria apresentar no parlamento — aliás parlamentado — um projecto tendente a estabelecer em Portugal a pena de morte. No seu número de 3 do corrente *A Batalha* cita que esse politico é o valente, o destemido, o heróico, como lhe chamam todos os politicos de varias nuances, Cunha Leal. Pois que? Então esse homem que, como todos os dirigentes deste pobre país, tem as mais graves responsabilidades no saqueamento levado a efeito pelos seus sequazes, tem o desplante de tentar apresentar tal projecto de lei? Esse homem, que condenou acerbamente as mortes das victimas do 19 de Outubro, crime perfeitamente politico, quer com outro crime — o do assassinato — fazer cair os inculpadoss? Que critério é o

dese grande vulto da politica portuguesa?

Prevejo, caros camaradas, que atraz desse projecto de lei anda mão de gente sem escrúpulos, gente da pior espécie. E não andarei longe da verdade afirmando que, tal como em tempos o famigerado João Franco, os politicos desta república (?) tentam dar golpe idêntico ao 13 de Fevereiro de involuável memória, para todos os que sempre tem lutado por um ideal mais bello, mais puro!

Ainda que a pena de morte fosse estabelecida para punir sumariamente todos os que são a causa do sofrimento do proletariado em geral, eu protestaria; muito maior é o meu protesto, neste momento em que, em minha consciência, sei que tal projecto vem única e simplesmente para esmagar todos aqueles que trabalham, todos aqueles que produzem. E a prova é o cerco cerrado a essa cidade, na perspectiva, dizem elles, duma greve revolucionária!!!

Tal projecto, certamente, não vai ser aplicado — se ele for aprovado no parlamento — aos ladrões encasacados, não vai ser aplicado aos maus politicos que tem conduzido Portugal à ruína, não é, certamente, para os ladrões dos 50 milhões de dollars, e doutras operações financeiras de igual jaez, mas... para quem será, senhores da politica? Respondam-nos, senhores da Epoca e todos os que querem à outrance esmagar-nos.

A essa resposta outra se não fará esperar, certamente, pela classe operária, que num grito unido vibrante, e com a voz por todo o Portugal e por todo o mundo, por toda a humanidade enfim, e depois... depois não tem de que se queixar.

Não descurem, camaradas de *A Batalha*, a campanha em prol do bem, do amor, da verdade, e contra todos os crimes, partam elles donde partirem.

Creiam no protesto sincero e veemente do que se assina vosso e da causa — Luis Carvalho.

**A alma feminina estremece de horror ante a pena de morte**

Com grande prazer, por ela revelar quanto a alma da mulher se sente horrorizada ante o projecto do sr. Cunha Leal, publicamos a carta que segue:

protesto de repulsa, pela infâmia jurídica com que um parlamentar pretende enodiar a terra portuguesa, propondo a instituição da pena de morte, e contra a qual o jornal *A Batalha*, tendo como muito bem dizis o verdadeiro intérprete do sentimento de justiça, tam dignamente se tem insurgido.

Bem assim junto ao meu protesto, o testemunho da minha muita consideração e apreço, saudando-a pela sua nobre attitude.

De V., etc., Angélica Porto.

**Uma carta que combate os maneios de certa folha imunda que para aí se vende**

A propósito do restabelecimento da pena de morte em Portugal recebemos a seguinte carta:

«Camarada redactor: No jornal *o Tempo*, de 3 do actual, 2.ª pagina, 1.ª columna ao fundo, vem uma local com o titulo «Pena de Morte», que ao lê-la me deixou enojado, por haver jornais que dentro das aspirações de liberdade de todos os povos, se atrevam a vir propagar, o que em todas as nações se tem procurado humanisar, acabando com tais atropellos; mas sabendo, como sei, que quem naquele jornal pontifica, deveria estar occupando o lugar devoluto na Fortaleza de S. Miguel em Loanda, porque outros, com muito e muito menos culpas do que ele, ali estão sofrendo as agruras dos despotismos tentados de s. ex.ª o sr. Imperador Norton de Matos, não me admira muito que tais sanções se publiquem.

E é uma criatura destas, que de homens só tem o nome, e a figura é de bicha, que sabe chorar, rindo, que se atreve a vir chamar ao jornal que eu adoro, porque não sendo assassino como operário que sou, que até hoje não conto ainda prisão alguma, me defende das garras do patronato, em cujas mãos pouco me falta para deixar a pele, chamado defensor de assassinos.

*A Batalha*, sem se lembrar de que, se alguma liberdade ainda hoje disfruta, só a este mesmo jornal o deve. Registe, camarada redactor, o meu mais veemente protesto de solidariedade, e a repulsa mais formal contra o restabelecimento da pena de morte. — Vosso e da causa dos trabalhadores, Armando Martins, marinheiro de marinha mercante.







## Teatros

se-  
os 16  
tem  
a  
ção  
dias  
000  
at

**VENDE-SE**  
Rua da Alegria, 38.

---

**A COMUNA**  
Semanário Comunista Libertário

Redacção e Administração  
**Rua do Sol, 131 — PORTO**

maior barato são os da casa

**Pintasilgo**

**TE DE LANIFICIOS**

**DIVILHÃ**

per as suas compras directamente ao fabri-  
cato?...  
que envia junto às amostras, indicar o n.  
para isso tem o maior cuidado e escrupulo.



